

## História

### História de Maria Lopes de Sousa

#### História completa

#### IDENTIFICAÇÃO

Meu nome é Maria Lopes de Souza, moro no Eldorado dos Carajás, tenho 40 anos, nasci no dia 16 de junho de 62.

#### E.F. CARAJÁS

#### Em busca da saúde

Do trem eu acho muito boa a viagem, muito legal, os guardas são muito educados, não maltratam ninguém, não tenho história ruim do trem para contar. Desde 97 que eu faço essa viagem de trem para cá, porque eu achei que a medicina aqui em São Luís é melhor do que no meu estado. Então, com a medicina daqui estou me realizando, até agora tem sido muito bom para mim e toda minha viagem tem sido de trem eu nunca viajei de ônibus. Venho todo mês, a partir do dia primeiro eu estou saindo do Pará aqui para o Maranhão. Eu passo às vezes dois meses aqui. Nessa viagem agora eu vim dia 18 do mês passado e estou voltando hoje, passei 11 dias. Agora eu estou indo para Marabá e de Marabá para Eldorado, que é a cidade que eu moro. Eu embarco aqui às 8 e meia da manhã no trem, aí por volta de 10 e meia da noite eu chego em Marabá. Chegando em Marabá, tem outros carros que vão para Eldorado. Tem ônibus, tem as Vans, eu sempre vou de Van que é mais rápido, é uma hora e meia para Eldorado.

#### Bagagens

Aqui em São Luís mora a família do meu marido, os meus cunhados, fico na cidade, mas eu tenho a minha terrinha, aí eu trago de lá cupú, castanha, banana, coisas assim que tem lá na roça que eles não tem aqui. Tudo isso no trem. Frutas, goiaba tudo isso a gente trás para eles, aí às vezes, quando passa de 10 quilos, tem que pagar. Aí pesa lá, conforme a quantidade que deu, 40 quilos a gente paga. Já trouxe cinco litros de leite, já vem coalhado, porque eles gostam de coalhada. Coloco os cinco litros de leite na vasilha, eu saio da minha casa às 4 horas, hoje o trem vai para o Pará, amanhã ele está de volta, então, se eu viesse amanhã eu saía às 4 horas da manhã da minha casa para Marabá, para a estação, eu pego o leite hoje de manhã para trazer e ele chega aqui já coalhado.

#### CARAJÁS

#### Plantação - Ibama

A vida lá em Eldorado é muito boa, acho muito bom nós lá. Hoje não se pode mais derrubar a mata, aí nós fazemos o nosso plantio na palhada, roça, aí toca foco na época, tem que ter autorização do Ibama para tocar o fogo. Depois nós vamos cultivar a plantação que é o milho, o arroz, nós temos bananal, plantio de cupú, plantio de café, tem plantio de tudo, é terrinha pequena a gente chama de hectare, um hectare de um, de outro e vamos formando aquilo ali. Não dá para gente criar muito gado, nosso gado é de 30 para cá, de 30 até 10 gados, aí nós temos que ter outras coisas para ajudar na alimentação, que é a banana, o cupuaçu, a mandioca para fazer a farinha, aí tem o leitinho para fazer um queijo para vender, para fazer uma coalhada, um doce, alguma coisa, tudo para ganhar um dinheirinho.

#### Terrinhas

Olha, é muito comprido contar como a gente conseguiu essa terrinha. Eu trabalhava na cidade com lanche e fui fazendo minhas economias e toda vida eu tenho um sonho da natureza, porque eu gosto do meio ambiente. Aí eu fui guardando aquele dinheirinho até que um dia deu para eu comprar 15 alqueires de terra. Quando estava comprado, eu fui embora para dentro, aí lá fui criar galinha, criar porco, de tudo, porque na roça tem que criar de tudo para ter a fartura dentro de casa. Paiol de arroz, não sei se entendem a minha linguagem que chama paiol. Paiol de arroz é um armazém que a gente faz, uma casa para colocar o arroz, o milho, para não ficar na chuva. Aí a gente faz aquela casa e nós chamamos paiol, aí lá nós colocamos o milho, o feijão, o arroz, abóbora é tudo lá para tirar o inverno.

### Mini fazenda

Aí eu comprei um gadinho lá, qualquer trabalhador rural ele não é um fazendeiro, ele é trabalhador rural, só é fazendeiro a partir de 100 alqueires para lá, ele já é um mini fazendeiro. Mas eu sou uma trabalhadora rural porque eu só tenho 10 alqueires. Porque no final das contas fui medir minha terra e só deu 10, aí a gente continuou. Quando foi em 97 eu tive que me desfazer da minha terra que meu marido adoeceu e ele estava fazendo um tratamento em Marabá e não descobria o problema. Aí a gente veio para São Luís e descobriu que ele estava com problema de coração. Aí foi colocado um marca-passo, que custou 25 mil reais, aí eu tive que desfazer da terra para poder ajudar na saúde dele. Mas sorte que a gente arrumou outra terrinha, mas nós não fomos ainda para dentro, porque estamos mandando tratar. Eu tenho um cálculo nos rins aí todo mês eu tenho que fazer um, como é o nome do exame, porque ele bombardeia e é com raio laser, eu esqueci o nome do tratamento. Aí todo mês eu tenho que vir para cá, eu e meu marido, que faz os tratamentos dele também, mas assim que eu ficar boa, aí nós vamos para dentro da roça.